

## **A avaliação social, a norma culta e seus espaços no ensino de língua portuguesa**

**Carlos Eduardo de Oliveira Lara**

Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

carlooseduardolara@hotmail.com

**Resumo.** *Este trabalho estima buscar quais as relações teóricas que a sociolinguística e a sociologia da linguagem estabelecem com o ensino atual de língua portuguesa (LP), por intermédio da sociolinguística aplicada ao ensino. Para isso, serão analisados livros de linguística voltados à LP com a finalidade de verificar como são expostas as questões referentes ao valor social da linguagem, e qual o espaço concedido à norma de prestígio e ao entendimento do estigma.*

**Abstract.** *This work aims at researching the theoretical relations of the sociolinguistics and the sociology of language with the teaching of Portuguese language (PL), through the applied sociolinguistics. In order to do that, linguistic textbooks applied to PL will be analyzed, verifying how the questions about the social value of language are explained, and what is the space reserved to the prestige norm and the understanding of the stigma.*

**Palavras-chave:** sociolinguística; avaliação social; ensino-aprendizagem.

### **1. Há um equívoco no ensino de língua portuguesa no Brasil?**

Muitos professores de língua portuguesa (LP) parecem estar perdidos, hoje em dia, sobre qual o espaço que a norma culta deve ocupar em suas aulas. Isso ocorre pois existem confrontos entre a tradição de ensino de LP e as pesquisas recém saídas das universidades. No meio à guerra, aparecem os professores que possuem orientações diversas, muitas vezes indicando alvos conflitantes. O que seguir?

Com o surgimento de correntes teóricas, primeiramente da sociologia da educação (ou mais especificamente: sociologia da linguagem, que teve como um de seus maiores precursores o sociólogo francês Pierre Bourdieu), houve pesquisas aprofundadas sobre as relações de dominação social. Logo, percebeu-se que a gramática tradicional e a normatização da língua, carregadas por forças ideológicas supressoras, tendiam a um aumento de preconceito (lingüístico) e distanciamento de classes sociais. Com o início dos estudos sociolinguísticos, verificou-se que todas as variantes lingüísticas (mais próximas ou não das normas de prestígio) tinham explicações sistemáticas. Assim, a hipótese do déficit lingüístico caiu por terra, já que foi provado que não existe linguagem inferior, e sim, diferente.

Com todo esse cenário formado, há um embate dos estudiosos em lingüística que lutam contra a geração de preconceito instaurado pela tradição gramatical de ensino

de LP. Por conseguinte, nas últimas décadas, houve lançamento de muitos materiais que procuram fugir desta tradição, apresentando soluções pedagógicas que a princípio escapam desse impasse.

E esse abismo, gerado pela guerra entre tradição de ensino *versus* novas pesquisas, não parece ser inerente só às aulas de LP do ensino fundamental e médio. Os cursos de licenciatura em Letras, muitas vezes, também parecem não ter objetivos comuns sobre o espaço da norma culta nas aulas de português. Sobre a tradição de ensino, Irlandé Antunes, já aponta alguma coisa no artigo “No meio do caminho tinha um equívoco: gramática tudo ou nada”, em que mostra o mau funcionamento das aulas de LP como formadoras das capacidades lingüísticas dos alunos.

Assim, concomitantemente, há críticas à falta de habilidade dos alunos em produzirem textos em situações que exijam maior monitoração e há críticas à tradição gramatical de ensino. A autora já mostra que as mudanças a favor do anti-normativismo já ocorrem, “...certas inconsistências da gramática, são, frequentemente, trazidas à tona, e cresce o incentivo a atitudes não-preconceituosas, em relação ao uso das normas não-padrão” (ANTUNES, 2004, p.127).

Este trabalho analisa livros que utilizam a sociolingüística e sua aplicação ao ensino, para ver como as questões referentes ao valor da linguagem são expostas, e ver se há relações com o que prediz o cerne da sociolingüística e da sociologia da linguagem. As obras escolhidas são “Educação em língua materna – A sociolingüística na sala de aula” (Obra A) de Stella Maris Bortoni-Ricardo e “Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação lingüística” (Obra B) de Marcos Bagno.

Na pesquisa, é buscado ver como os autores se posicionam teoricamente perante as questões sociais e avaliativas, e também, como os mesmos elaboram ou orientam o ensino de LP.

## **2. A sociolingüística tem responsabilidade pelas mudanças que estão ocorrendo?**

Antes mesmo do surgimento da sociolingüística, já existiam preocupações em trazer a ‘sociedade’ para junto dos estudos lingüísticos. Meillet colocava que a língua é “...uma instituição social, disso decorre que a lingüística é uma ciência social...” (1906: p.17). Posteriormente, na década de 60, nasceria a sociolingüística, hoje subárea da lingüística, que teve sua origem devida mais precisamente através dos estudos de Willian Labov. Os estudos labovianos se preocupavam sobre como ocorre a mudança e variação da língua, inúmeras vezes ligadas a fatores sociais. Diferentemente da Sociologia da Linguagem, que se preocupa com a influência lingüística na estruturação e determinação social, tendo a sociedade como seu foco primário.

Quando Weinreich, Labov e Herzog (WLH) postulam sobre a avaliação das variáveis lingüísticas, é colocado que o processo de avaliação das variáveis lingüísticas ocorrerá durante a variação lingüística, em que uma forma receberá mais prestígio, enquanto sua concorrente menos, em um contínuo prestígio-estigma. WHL põem a avaliação como um dos 5 problemas empíricos concernentes à sociolingüística. As variáveis lingüísticas são avaliadas por uma complexa estrutura sociolingüística, na qual seu valor é “...determinado por diversos fatores sociais e lingüísticos,(...) dependem da

inteira estrutura, e não simplesmente da distribuição em tempo aparente ou real” (WHL, 1968).

Assim, WHL definem que a avaliação das variáveis lingüísticas é inerente ao processo de variação e mudança. No entanto, nem toda a variação deterá valor social de alto grau de consciência aos seus falantes, ou seja, nem sempre suas cargas de valores sociais serão perceptíveis a quem as produz ou as percebe. Ainda WHL mostram que algumas formas receberão um grau avaliativo e consciente tão alto que se cristalizarão como estereótipos, marcando as comunidades de fala que as usam. “Para algumas variáveis, o nível de consciência social é tão elevado que elas se tornam tópicos salientes em qualquer discussão sobre a fala...” (WHL, 1968, p.116). Assim, mostra-se que com maior ou menor intensidade no nível da consciência, as comunidades de fala valorarão seus produtos lingüísticos. A avaliação, por muitas vezes, é decisiva no processo de sobrevivência de determinadas variáveis.

Paiva e Duarte (2006, p.146), ratificando sobre o problema da avaliação na sociolingüística postulado por WHL, ainda põem:

O grau de avaliação das variações e de mudanças em progresso pode ser depreendido mais convincentemente nas reações e atitudes dos falantes em relação às variantes do que sua produção. Entretanto, ele se reflete na própria distribuição social e estilística das variantes, derivando padrões mais regulares. A estilos de fala mais formais estão associadas variantes de maior prestígio e a estilos mais informais, e principalmente o vernáculo, variantes de menos prestígio.

Logo, estima-se que fique clara a inerência, com menor ou maior consciência, da avaliação social nos processos de variação e mudança. E que essa avaliação sempre será posta num contínuo prestígio-estigma.

Os conceitos de valores sociais são anteriores à sociolingüística. Eles vêm dos estudos da filosofia, e depois da psicologia social, e mostram que há pesos e medidas diferentes a todos os produtos e símbolos socioculturais, incluindo os lingüísticos. Mais tarde, esses conceitos são operacionalizados e incluídos por WHL à teoria central da sociolingüística, sendo situado como um dos cinco principais problemas do processo de mudança e variação.

No entanto, sempre ficou muito claro para os estudos sociolingüísticos que as avaliações são de ordem social e coletiva, e a parte lingüística não carrega consigo qualquer traço que aponte determinada valoração. Por exemplo: o R retroflexo que no Brasil tem uma carga valorativa mais para o estigma, nos Estados Unidos esse mesmo som tem carga voltada ao prestígio.

É importante que se conheça o poder da avaliação social da língua para os estudos científicos, ainda mais os que envolvem o ensino de línguas. Assim, James Milroy (*apud* Bagno, 2001, p.80) diz:

...a língua é um bem cultural, análogo à religião e aos sistemas legais, mais do que parte das faculdades mentais ou cognitivas do ser humano (...). No entanto, na medida em que a língua é realmente um objeto cultural, dificilmente se pode dizer que aquelas opiniões<sup>1</sup>são inteiramente extraviadas, e neste sentido tampouco são irracionais. Assim, por tal qualidade, elas têm de ser respeitadas e levadas a sério. Opiniões públicas são profunda e sinceramente sustentadas e amplamente difundidas na sociedade, por mais que os lingüistas pensam em considerá-las infundadas.

Milroy esclarece que não há possibilidade de descartar os valores (as opiniões) puramente sociais nos estudos de ordem lingüística. Mostrar que formas são semanticamente idênticas não, ou não necessariamente, acarretará que as pessoas passem a valorar estas mesmas formas atenuando, ou cancelando, sua posição no contínuo prestígio-estigma. A sociolingüística tem sua responsabilidade pelas mudanças que estão ocorrendo ao passo que é devido a ela que foi descoberta a sistematicidade do processo de variação e mudança. Mostrando que na língua não há deficiências, e sim diferenças. E isso está causando mudanças substanciais no ensino de línguas, formulação de materiais e formação de professores. Como essa mudança de postura que ainda está em processo, há muitas divergências sobre qual a pedagogia que se deve seguir.

Na Etnografia da Fala, há pesquisas que mostram que é impossível afirmar que preconceitos serão reduzidos simplesmente pelo fato de se comprovar uma heterogeneidade sistemática. Saville-Troike, em *The Ethnography of Communication* (1989), esclarece que há avaliação do sistema lingüístico pelo sistema social, e que posterior a isso, há muitos estudos americanos que mostram que a língua perpetua desigualdades no sistema social. Ainda é posto que há várias hipóteses sobre a erradicação, ou atenuação, desses preconceitos. Entre as hipóteses, Saville aponta que: i) há as que defendem que mudando a 'língua', haverá a eliminação da desigualdade; ii) há as que acreditam que para anular as avaliações sociais é necessário que anulem também as distinções que as marcam; iii) há outros que defendem que os símbolos simplesmente serão trocados por outros novos, e sempre haverá avaliações distintas, e por fim, iv) os que acreditam que as mudanças dos rótulos avaliativos não causarão mudanças grandes no presente, mas poderão prevenir que sejam passadas para as próximas gerações. (Saville-Troike, 1989, p.36)

Ou seja, é impossível afirmar que os lingüistas e professores conseguirão mudar as leis de dominação lingüístico-social, combatendo o preconceito lingüístico e mudando a prática pedagógica. E é extremamente complicado garantir que os alunos terão uma formação adequada em concepções pedagógicas que ignorem ou atenuem o poder das forças sociais.

### **3. As relações de dominação social e o ensino de língua**

Primariamente, acreditava-se que haveria um déficit lingüístico em determinados indivíduos que fossem falantes de variantes mais distantes do prestígio. Mais tarde, por responsabilidade dos estudos sociológicos e sociolingüísticos, foi mostrado que não há

---

<sup>1</sup> Aquelas opiniões, Milroy se refere às opiniões públicas a respeito da produção lingüística.

deficiências. A Sociologia da Linguagem foi além, e as idéias de violência simbólica, leis de dominação social e o mercado lingüístico surgiram, principalmente pelo sociólogo francês, Bourdieu (1983). E através da sociologia da educação (mais precisamente a sociologia da linguagem, um dos seus campos) adentraram nas idéias pedagógicas mundo afora, incluindo o ensino-aprendizagem de línguas.

Bourdieu sempre esclareceu que as avaliações são de natureza social e coletiva. Portanto, não será modificando só o ensino de língua, mostrando que todas as variantes têm explicações sistemáticas e não possuem déficits culturais, que ajudará os alunos falantes de variantes mais estigmatizadas a se livrarem do preconceito social. Assim, o autor (*apud* Soares, 2002, p.72) questiona:

Pode-se modificar a língua no sistema escolar sem modificar todas as leis que definem o valor dos produtos lingüísticos das diferentes classes no mercado? Sem modificar as relações de dominação na ordem lingüística, isto é sem modificar as relações de dominação?

Respondendo à pergunta lançada por Bourdieu, Magda Soares (2002, p.73) vai além e tenta pegar os implícitos do sociólogo francês:

A resposta, implícita nas perguntas, é que não se pode esperar da escola a modificação das relações de dominação lingüística, que são espelho das relações de dominação econômica e social: a escola é *impotente*, e a solução dos problemas de discriminação de classes sociais que nela ocorrem (entre estes, os problemas lingüísticos) está *fora* dela, e só ocorrerá com a modificação das relações de dominação econômica e social.

Afinal, o que é mais importante: o aluno ter menos ‘choques’ lingüísticos em sua formação inicial, com a conseqüência de continuar vivendo em uma sociedade que detém relações de dominação diferentes das quais ele viu em sua formação; Ou deter as armas do prestígio para exercerem seus direitos sociais quando adultos sem maiores empecilhos? Magda (2002, p.73) diz que a escola deve ser transformadora nesse sentido, e afirma:

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação social e política na reivindicação social.

Ou seja, o meio de inserir as camadas populares a uma maior participação e reivindicação social é dando a elas o controle das normas de prestígio. Assim, a língua

não será uma arma a mais de exclusão e dominação das classes dominantes, já que todos terão acesso semelhante às normas de prestígio.

Com a teoria discutida, passa-se a análise dos livros em si.

#### 4. Conduzindo à análise

A pesquisa é realizada em três etapas principais. Primeiro, é retomado todo material teórico encontrado a respeito do problema de avaliação da linguagem na teoria sociolingüística e sociológica, passando, principalmente, por Labov e Bourdieu.

A segunda parte é posta através da análise minuciosa das obras, em que são encontrados os principais postulados teóricos, implícitos ou explícitos, da sociolingüística e da sociologia. Essa parte<sup>2</sup> se consiste com a retirada de citações dos autores (Marcos Bagno, *Nada na íngua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística* e Stella Maris Bortoni-Ricardo, *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*), principalmente as que tratam da avaliação social e do ensino de LP. Da obra de Bortoni-Ricardo, foram analisadas as atividades propostas pela autora, para ver se a teoria exposta coincide com as sugestões de aplicação ao ensino.

E por fim, são levantadas algumas considerações através do estabelecimento de relações entre o que postula o cerne teórico da sociologia e da sociolingüística com o material coletado nas obras. Assim, estima-se ter uma idéia de qual a influência das teorias no ensino de LP.

#### 5. Resultados

Os livros de lingüística aplicada ao ensino analisados mostram uma preocupação em trazer à sala de aula as variantes e variáveis lingüísticas do português brasileiro, sejam mais próximas ao prestígio ou ao estigma, como meio de entender o processo de variação e mudança lingüística. Nos dois livros analisados, foram encontradas diversas partes em que há uma preocupação com o problema de avaliação social, e que é discutida a importância do aluno em deter as normas de prestígio para que exerça sua vida adulta com menos empecilhos (causados pelas leis de dominação social). No entanto, a maioria dos exemplos, que devem ser inseridos à aplicação em sala, foca mais as variantes reais de uso do que a norma culta.

Bortoni-Ricardo (2004) em “Educação em língua materna – a sociolingüística na sala de aula” se posiciona em relação às questões avaliativas da linguagem, mostrando a importância da aquisição da norma culta para os alunos em situações mais especializadas de uso lingüístico. Assim, a autora postula que o professor precisa conscientizar os alunos a respeito das diferentes avaliações sociais dadas sobre formas lingüísticas similares ao ponto de vista semântico, e da necessidade da monitoração para contextos mais formais, ou seja, em que prevalecerá o uso da norma culta. “É preciso conscientizar os alunos quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu estilo...” (Bortoni-Ricardo, 2004).

---

<sup>2</sup> No presente artigo, apenas alguns trechos mais relevantes são expostos para que se tente ter uma visualização de todo o trabalho.

Os argumentos encontrados na obra A acenam na mesma direção com as soluções levantadas pela Sociologia da Educação (da Linguagem), que tem em Bourdieu seu maior pesquisador. No entanto, a obra como um todo soa um pouco paradoxal em determinados aspectos, já que na parte prática, em que a autora sugere atividades para que professores apliquem aos alunos, a abordagem fica um pouco distante do discurso central. Essa distância se deve ao fato de que há uma explicação da necessidade da detenção da norma culta e da adequação a estilos mais monitorados, e ao mesmo tempo, não há exercícios substanciais para a aquisição desta norma. A maioria das atividades analisadas procura entender o processo de variação e mudança.

Para análise das atividades, foram extraídos 25 modelos de aplicação da obra A, e os mesmos foram etiquetados em 4 diferentes grupos criados de acordo com a qualidade do exercício. Os grupos são: 1) atividades que contemplam o estudo do vernáculo, das variantes trazidas pelo aluno e o processo de variação; 2) atividades que objetivem a aquisição de norma culta; 3) atividades com teor crítico sobre a formação da história e da sociedade nacional; e 4) atividades sobre transição lingüística de estilos menos monitorados para mais monitorados e/ ou vice-versa.

Das 25 atividades verificadas, 16 (64%) são do grupo 1, ou seja, se preocupam em estudar o vernáculo e mostrar ao aluno como se dá o processo variacional. Um exemplo de atividade desse grupo é:

Atividade: Faça uma gravação de sua interação em sala de aula. Peça, também, autorização para gravar um dos seus colegas dando aula. Depois grave uma interação sua em casa, com seus familiares. Ouça com atenção as gravações e faça uma lista dos sintagmas nominais cujo núcleo é (semanticamente) plural. Verifique em quantos deles houve flexão de todos os elementos flexionáveis e em quantos a marca de plural foi usada apenas no primeiro elemento. (Bortoni-Ricardo, 2004, p.59)

Nesta atividade, que mostra os diferentes estilos de acordo com diferentes situações de interação, fica claro que o objetivo é realizar uma observação sobre a marcação de plural, se é ou não redundante. Assim, ela foi enquadrada entre as que contemplam o estudo do vernáculo, das variantes trazidas pelos alunos e do processo de variação.

Para o segundo grupo, foram encontradas 3 atividades (12%) que intentam em expor ao aluno à aquisição da norma culta da LP. Um exemplo de atividade desse grupo é:

Atividade: Escreva um “editorial” para o jornal (ou jornal mural) de sua escola com o seguinte título: *Por que o personagem Chico Bento é bem-vindo à nossa escola?* Peça seus alunos que também escrevam ao Chico Bento para dizer a ele por que gostam (ou não gostam) dele. (...) (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 46)

O tema da variação lingüística ainda é tratado nesta atividade, com a escolha do personagem Chico Bento. Mas, fica evidente que o foco do exercício é a redação da

carta, que a autora ainda sugere que seja enviada à Editora Globo. Assim, há a contemplação de aquisição de textos mais formais, embora a ‘carta’ não esteja perto de um máximo de formalidade.

Para o terceiro grupo, foram verificadas 3 atividades (12%) que objetivam mostrar como se dá a formação histórica e sociolingüística nacional. Um exemplo de atividade desse grupo é:

Atividade: Desenhe para seus alunos o contínuo de urbanização. Peça que eles se situem no contínuo e situem também seus pais. Discuta com eles o fenômeno da migração rural-urbana do século XX no Brasil. Em seguida, peça a eles que escrevam sua autobiografia focalizando a transição rural-urbana em sua própria família. Para isso, será preciso que façam pesquisas junto aos parentes mais velhos. Ao fazer a pesquisa, incentive-os a gravar histórias contada por seus pais, tios e avós. Os trabalhos que os alunos mais apreciarem poderão ser divulgados na escola. (Bortoni-Ricardo, 2004, p.53)

Claramente, a atividade citada acima como exemplo engloba o desenvolvimento de outras competências, como a escrita autobiográfica. Contudo, seu foco fica sobre o entendimento do processo migratório rural-urbano.

E por fim, ao quarto grupo, também foram encontradas apenas 3 atividades (12%) que se preocupam com a transitividade estilística do falante. Um exemplo de atividades deste grupo é:

Atividade: Com base em sua reflexão e discussão, monte com seus alunos uma pequena peça de teatro em que fiquem bem claras as diferenças lingüísticas observadas no interior família e relacionadas aos papéis sociais. (Bortoni-Ricardo, 2004, p.24)

Na obra B, de Marcos Bagno, percebeu-se um discurso bem similar à obra de Bortoni-Ricardo. Sempre explicitando que há uma necessidade de reeducação na maneira de ensinar língua portuguesa, um de seus principais pontos teóricos é o combate ao preconceito gerado pelas leis de dominação social exercidas sobre a língua. Ainda assim, ele defende que o aluno detenha o conhecimento da norma culta:

“...uma das funções mais importantes do ensino é precisamente dotar os alunos e alunas de recursos que lhes permitam produzir textos (orais e escritos) mais monitorados estilisticamente, textos que ocupam os níveis mais altos na escala do prestígio social.” (Bagno, 2007, p.53)

Percebe-se, claramente, a preocupação do autor em dotar o aluno com as normas de prestígio, essenciais para a ascensão social. O autor ainda vai além, e mostra que na



lingüística não há espaço para o estudo dos fatores socioculturais da linguagem, e que para isso, recorre-se à sociolingüística.

Sobre a noção dos julgamentos sociais da linguagem, o autor consegue afirmar que esses juízos avaliativos são passíveis de serem revertidos. Ou seja, acredita na hipótese II posta por Saviile-Troike, na qual para que haja mudanças nos conceitos de valor, tem que haver mudança nas distinções que os marcam:

“...é bom lembrar logo de saída que todas as classificações sociais e culturais de ‘certo’ e ‘errado’ são resultantes de visões de mundo, de juízos de valor, de crenças culturais, de ideologias e, exatamente por isso, estão sujeitas a mudar com o tempo” (Bagno, 2007, p.61)

Bagno ainda relata que a culpa da avaliação ser dada de tal forma é devido à organização social atual que está instaurada, do modo como as pessoas julgam. “Todas as leis derivam exclusivamente de “leis culturais”, das relações de poder, dos conflitos sociais, das imposições de valores de determinados grupos...” (p.62), e ainda relata que não há nada natural que justifique as avaliações. Isto é, são todas de ordem cultural.

Assim, a obra B continua explicitando como funciona a sociolingüística de maneira bem acessível, e sempre se posicionando a favor da importância das descobertas científicas em detrimento ao julgamento do senso comum.

## **6. Considerações finais**

Entre as considerações mais importantes, é necessário explicitar o papel-chave da sociolingüística em mostrar que há explicações lógicas e sistemáticas para a heterogeneidade da língua. Há um paradoxo nas obras analisadas, principalmente a obra A, de Bortoni-Ricardo, já que ao mesmo tempo em que mostra a necessidade de conhecer a avaliação social, as formas de prestígio (que se encontram geralmente mais próximas à norma culta) tendem a ter menos espaço do que o entendimento do processo variacional.

Os livros analisados parecem ensaiar uma unificação de valores, como se dependesse apenas da parte lingüística para que valores sociais já enraizados se modifiquem. Diz-se unificação de valores, ao passo que parece haver uma tentativa de que ao provar sistematicamente certo fenômeno variacional, sua respectiva carga avaliativa (prestigiada ou estigmatizada) será neutralizada. Quando é visto, no cerne das ciências que se preocupam com língua e sociedade, que a avaliação é extralingüística e exercida por relações de dominação, que vem de uma organização socioeconômica, e estão arraigadas nos falantes. Assim, dentre as hipóteses elencadas por Saviile-Troike, os manuais parecem acreditar que mudarão as leis de dominação sociolingüísticas, e que é possível reverter padrões de estigma, através da observação, análise e estudo do comportamento variacional e avaliativo da língua.

As obras analisadas parecem querer aumentar o foco do entendimento da variação lingüística em sala de aula, às vezes dando a esse processo um espaço até maior que a aquisição das normas de prestígio. Já, Bourdieu acredita que o meio de

transformação social é dotar as camadas populares com a norma culta, para que tenham chances iguais na luta social.

O que se questiona é: qual a garantia de que esses valores serão atenuados, de que o preconceito lingüístico será minimizado e as avaliações que apontam para o prestígio ou estigma serão unificadas? Vale a pena diminuir o espaço de aquisição da norma culta para ensinar os processos de variação e mudança? E se em longo prazo, esses conceitos não se reverterem? Como ficarão essas gerações que serão usadas para teste de novos modelos pedagógicos?

Em suma, sempre há saídas, basta saber se estamos indo pelo caminho certo.

## 7. Referências

ANTUNES, I. *Aula de português: Encontro e Interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

BAGNO, M. (Org.) *Lingüística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2ª ed., 2004

\_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna – A sociolingüística na sala de aula*. São Paulo Parábola Editorial: 2004

BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983

FASOLD, R. *The sociolinguistics of society*. Oxford, England Blackwell Plubishers: Oxford & Cambridge. 1990

\_\_\_\_\_. *The sociolinguistics of language*. Oxford, England Blackwell Plubishers: Oxford & Cambridge. 1990.

LABOV, W. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972

MILROY, J. *Languages Ideologies and the Consequences of Standardization*. Oxford: Journal of Sociolinguistics, Blackwell, 2001 In: BAGNO, M. Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística.

PAIVA, M.C.A. DUARTE, M.E.L. *Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolingüística brasileira*. In: WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M.I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (1968) Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006

SAVILLE-TROIKE, M. *The Ethnography of Communication*. Oxford, England Blackwell Plubishers: Oxford & Cambridge. Second Edition, 1989.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M.I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (1968) Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006